

AS TECELÃS DA MEMÓRIA CONTRA OS SENHORES DO ESQUECIMENTO

Data de aceite: 02/10/2023

Rhayara Lira De Souza

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)

Francinaide de Lima Silva Nascimento

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)

designações estenográficas de mecanismos complexos, que devem ser analisados em cada caso em sua particularidade histórica), é reinserir na história e, portanto, devolver à ação histórica a relação entre os sexos que a visão naturalista e essencialista dela arranca (e não, como quiseram me fazer dizer, tentar parar a história e retirar às mulheres seu papel de agentes históricos). (Bourdieu, 2019, p. 8)

A essa histórica tentativa de retirada às mulheres de seu papel de agentes históricos na EPT, a presente pesquisa, em seu título, as mulheres tecelãs, e, dentre estas, agora coloca em evidência, o nome de uma delas, que também é fonte e inspiração para esta pesquisa: Lucrécia, tecelã romana e esposa de Lúcio Tarquínio, comete suicídio após ser estuprada por um amigo de seu companheiro. História que se desencadeia com seus pilares fincados nos mais variados estereótipos de gênero existentes até hoje: como passatempo, o esposo de Lucrécia e seus companheiros decidem competir entre si para descobrir

1 | PALAVRAS INICIAIS

Problematizar questões de gênero significa trabalhar em prol de uma produção de conhecimento de fato progressista, que forneça as possibilidades necessárias para a promoção de mudanças efetivas no seio da sociedade. Para tanto, é preciso

Lembrar que aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas, tais como a Família, a igreja, a Escola [...] (estas noções abstratas sendo simples

qual deles “possuía” a “melhor mulher”, enquanto sitiavam uma região próxima a *Ardea* – zona de interesse do Rei Tarquínio, O Soberbo - monarca da Roma Antiga à época.

Essa competição é lançada enquanto o grupo de homens estava bêbado, em uma das licenças concedidas durante o estado de sítio em que se encontravam. Lúcio afirma ter a certeza de que a sua companheira seria a mais virtuosa entre as esposas de seus amigos, garantindo aos compatriotas que sua mulher estaria em casa, tecendo junto a suas damas de companhia e criadas, enquanto as demais teriam saído para divertirem-se na ausência de seus maridos.

Os rapazes vão inspecionar suas mulheres e comprovam a teoria de Lúcio. Lucrécia então, oferece recepção e jantar ao grupo submissamente (Lívio, 1989). Sexto Tarquínio, filho de Tarquínio, O Soberbo, que compunha o grupo, desperta interesse pela esposa do amigo:

As trevas começavam a baixar quando chegaram à cidade. Dirigiram-se a Colácia, onde encontraram Lucrécia em atitude bem diferente das noras do rei. Estas, para matar o tempo, participavam com as amigas de um suntuoso banquete. Lucrécia, ao contrário encontrava-se no interior de sua casa, sentada junto com suas servas, e fiava a lã apesar da hora avançada. A comparação entre as mulheres terminou com a exaltação de Lucrécia. Ela acolheu amavelmente seu marido e os Tarquínios, e o vencedor convidou gentilmente os jovens príncipes a permanecerem em sua casa. Foi então que o desejo culpado de possuir Lucrécia, violentando-a, apoderou-se de Sexto Tarquínio. A beleza aliada à virtude seduziram-no. Finalmente, após uma noite dedicada aos divertimentos próprios da juventude, voltaram ao acampamento (Lívio, 1989, p. 98).

Sexto Tarquínio volta à Colácia (lar de Lucrécia) dias depois, sendo gentilmente recebido pela moça, que é ameaçada com sua espada e coagida à realização de ato sexual com este homem. A ameaça de morte não foi suficiente para que Sexto Tarquínio conseguisse efetivar tamanha violência, de modo que este decide atacar a honra da mulher, ameaçando não apenas matá-la, mas também um escravo e, seguidamente, disseminar a falsa informação de que ela havia sido flagrada em adultério, de modo a manchar sua honra de uma vez por todas:

Alguns dias mais tarde, às ocultas de Colatino e seguido de um só companheiro, Sexto Tarquínio voltou a Colácia. Como ninguém suspeitasse de suas intenções, foi bem recebido e depois do jantar conduziram-no ao quarto de hóspedes. Quando lhe pareceu que todos dormiam e não corria perigo, tomou a espada e ardendo em desejos aproximou-se de Lucrécia adormecida. Pondo-lhe com força a mão esquerda sobre o peito disse: “Silêncio, Lucrécia. Eu sou Sexto Tarquínio e tenho a espada na mão. Se disseres uma palavra, morrerás”. Perturbada com aquele despertar, a pobre mulher viu-se sem socorro diante da morte iminente. Tarquínio confessou-lhe seu amor. dirigiu-lhe súplicas, misturou ameaças às súplicas, lutando para perturbar os sentimentos daquela mulher. Diante de sua firmeza que não cedia nem pelo temor da morte, acrescentou ao medo a ameaça de desonra. Ao lado de seu cadáver colocaria o de um escravo estrangulado e nu, para

que se dissesse que ela fora assassinada num adultério ignóbil. Com essa ameaça, a paixão criminoso de Tarquínio triunfou da obstinada virtude, e ele partiu contente por ter destruído a honra de uma mulher. (Lívio, 1989, p. 98)

Lucrecia é estuprada dentro de sua própria casa, conta para seu pai e marido e, logo em seguida, tira a própria vida por não suportar a realidade que lhe foi imposta. O sofrimento individual e a violação de Lucrecia são estampadas na obra de arte que dá capa a este capítulo: uma mulher que segura um punhal em profundo sentimento de angústia, aglutinado a uma expressão mórbida expressa em seu rosto frustrado.

Ademais, Lucrecia é representada com as marcas da violação ao seu corpo, despida de sua roupa e com seus seios desnudados. E a composição da obra estrutura esteticamente não apenas a violência do ponto de vista físico ou moral, mas, sobretudo, existencial.

A expressão facial apresentada é demonstração de profundo sofrimento, angústia e descrédito na dignidade do existir. Lucrecia segura, com uma das mãos, um punhal indo em direção ao seu peito, enquanto a outra parece afastar ou repelir algum mal. É uma cena que poetiza em uma estética tão doce quanto perturbadora, as marcas da violência que sofre uma mulher assediada, invadida, violentada.

Em seu suicídio, Lucrecia busca, desesperadamente, produzir um novo existir. Uma existência na qual o “desejo” de um homem violentador não seja chamado de amor. Um existir no qual a “virtude feminina” não esteja na docilidade, aprisionamento doméstico ou tecelagem compulsória. Um existir no qual Lucrecia não se sinta culpada pela violência que sofreu.



Figura 1 - O estupro de Lucrecia

Fonte: Ticiano (1571)



Figura 2 - Suicídio de Lucrecia

Fonte: Breu (1528)

As figuras 1 e 2 que representam, respectivamente, a violência de Sexto Tarquínio

sendo executada contra a mulher, e a publicização de sua morte frente ao povo romano indignado. Observe, na primeira pintura, o uso de cores quentes, a ameaça explícita de morte por meio da elevação de instrumento cortante por Sexto Tarquínio em direção à Lucrecia e seu corpo completamente desnudo, e diante de um observador inerte, diferentemente da imagem composta por Artemisia Gentileschi (1610), no início do capítulo, sentimento que virá a provocar significativa transição estrutural na épica da sociedade romana representada por meio dessa narrativa.

A partir da repercussão do estupro de Lucrecia, a população promove o exílio de Tarquínio, O soberbo e de sua família, insurgindo em uma revolução que finda com a Monarquia Romana e estabelece a República. É dessa história que se extrai uma narrativa de significativa força motriz para metaforizar o presente trabalho.

Quantas Lucrecias não há entre nós, quanto de culpabilização de vítimas não há na sociedade? Que rupturas/continuidades discursivas se apresentam entre a história de Lucrecia e a história das mulheres hoje? Mas além disso, ela nos coloca ainda frente ao questionamento: diante de uma violência de gênero, a sociedade cala ou revoluciona? É o servo omissivo ou a Roma revoltada?

Nesse sentido, é válido e necessário trazer à tona dados do Atlas da Violência do ano de 2020 – mais recente documento acerca dessa temática até o momento em que se redige essa pesquisa, que apontam para o assassinato de uma mulher a cada duas horas no Brasil, totalizando 4.579 vítimas, das quais quase 70% eram mulheres negras. Esse contingente numérico aponta para a necessidade urgente em se debater a opressão ao gênero feminino sob diversos prismas, com ênfase na questão racial, como proposto por Angela Davis em seu livro *Mulheres, raça e classe* (2016).

Essa condição de subalternidade sobreposta ao gênero feminino não é apenas uma simples realidade, mas fruto de um projeto específico. Um projeto misógino, machista, violentador, falo/androcêntrico e masculinista de segregação (Saffioti, 2015) aos grupos que lutam por lugares historicamente ocupados pelos ditadores da classe dominante e dos quais foram excluídos todos aqueles e todas aquelas que não se enquadraram ao que se entende como o padrão prévia e socialmente estabelecido.

Mulheres, Travestis, Gays, Pessoas Trans, Lésbicas, Pans e Bissexuais, Pessoas Afrogênero, Andrógenas, Não Binárias, Indigêneros e tantas outras representações e suas intersecções dentro da sigla LGBTQIA+¹, enfrentaram e enfrentam constante e cotidianamente processos de silenciamento de suas trajetórias e narrativas, tidas, comumente, como desimportantes, não científicas e desnecessárias. O sonho de projetos como esse é que todas essas correntes possam um dia ter a voz, a vez e o poder (Freire, 1967; Hooks, 2013) que todos os grupos que sofreram opressões e violências merecem

¹ Essas são apenas algumas das inúmeras categorias existentes quando se trata de gênero, que é um conceito de enraizamento de pluralidades e interrelações culturais, territoriais e existenciais. Para conhecer mais algumas entre elas, acesse: <https://orientando.org/categorias-relacionadas-a-genero/>.

ter, como forma de reparação histórica ao passado sangrento que lhes negou espaços e assassinou suas vidas.

Nesse sentido, o Brasil vem há anos consecutivos ocupando o ranking de país que mais mata pessoas LGBTQIA+, registrando, em média, uma morte a cada 23 horas, de acordo com relatório apresentado pelo Grupo Gay da Bahia – um dos principais veículos de informação sobre essas questões no país. O relatório aponta ainda, que de janeiro a maio de 2019, foram registradas 141 mortes, das quais, 126 se enquadravam no quadro de homicídio e 15 de suicídios, o que nos aponta para uma realidade fortemente degradante para a nossa sociedade: a de que não se enquadrar nos padrões de gênero é sinônimo de viver em luta por sobre(vivência).

Quando se especifica a pauta trans, a situação é ainda mais deplorável: há pelo menos 12 anos o Brasil ocupa o primeiro lugar em assassinatos a esse grupo, de acordo com o Portal Exame. Dados do *Trans Murder Monitoring*² apontam que, **apenas nos primeiros nove meses de 2020, 124 pessoas transexuais foram mortas no Brasil**” (Exame, 2019).

Além disso, o nosso país amarga ainda números gritantes de estupro, violências domésticas e feminicídio, assim como “estupros corretivos” e entre tantas práticas “desumanas” que se desencadeiam ao longo de décadas em uma nação que, em tantos momentos, ironicamente é referida como o recanto da diversidade.³

Estima-se que ocorram 822 mil casos de estupro no Brasil por ano. Desse total, apenas 8,5% deles chegam ao conhecimento da polícia e 4,2% são identificados pelo sistema de saúde. Os dados apontam que mais de 80% das vítimas são mulheres. Em relação aos agressores, em termos de gênero, a maioria é composta por homens, com destaque para quatro grupos principais: parceiros e ex-parceiros, familiares (sem incluir as relações entre parceiros), amigos(as)/conhecidos(as) e desconhecidos(as), de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Diante dessa conjuntura, é nítida necessidade em se colocar em evidência as narrativas de Dandara dos Santos, mulher trans violentamente assassinada em 2017, de João Donati, garoto gay de 16 anos brutalmente morto após uma noite de trabalho em uma boate de Goiás no ano de 2014, Leilane Assunção⁴, mulher trans e primeira a ocupar a posição de professora em uma UFRN, morta pelas violências simbólicas, estruturais e (des)estruturantes do sistema, e de tantas outras vozes silenciadas que clamam por

2 Tradução: Observatório de Assassinatos Trans.

3 De acordo com dados divulgados pela Folha de São Paulo e obtidos por meio do Ministério da Saúde, em 2018, o Brasil chegou a registrar 180 estupros por dia – maior número desde o ano de 2009. Ainda apresentou o panorama de 145 mil casos de agressões a mulheres no ambiente no mesmo ano. A matéria apontou ainda que entre as vítimas de estupro, 82% são do sexo feminino e que o feminicídio avançou em 5% no país, chegando a contabilizar 1.206 vítimas das quais 61% são negras, 66% são mortas dentro de suas próprias casas e em 89% dos casos o autor foi o companheiro ou ex companheiro. Além de todos esses números, houve um crescimento de 4% na violência doméstica, totalizando 263.067 casos (Gomes, 2019).

4 Leilane Assunção foi professora da autora da pesquisa em mais de uma disciplina no curso de graduação em Licenciatura em História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Isso é motivo de muito orgulho para quem vos escreve.

momentos de atenção do processo de construção da História, este trabalho se debruça sobre as narrativas como as de Mariana Ferrer, garota estuprada e punida publicamente pela justiça, em decorrência disso ou da professora Elisângela* que, no ano de 2019, teve seu corpo violado após uma reunião pedagógica no estacionamento da própria escola onde trabalhava, em São Paulo.

Portanto, esta pesquisa não se trata apenas de uma discussão sobre memórias que foram silenciadas, como veremos a seguir, mas se desenvolve pela memória de todas essas pessoas, que de formas tão violentas, sentiram o peso da categoria gênero, esse importante objeto de estudo para a História, que incide de maneiras tão diferentes sobre os indivíduos, e que é interpretada de formas tão injustas por significativa parcela da sociedade.

Para Scott (1991), as pesquisas que elencam gênero como categoria analítica na História, partem do pressuposto de que o interesse por essa temática parte do envolvimento de quem escreve para a construção de uma verdadeiramente nova história, pois uma narrativa que inclua as experiências das mulheres precisa ser desenvolvida e, para isso, a pesquisadora que a desenvolve, deve apresentar interesse pelo objeto de estudo em suas categorias (classe, raça, gênero), se envolver com uma história que inclua as narrativas dos oprimidos, e uma análise compreensiva das desigualdades de poder em diferentes eixos.

Na tentativa de contemplar as supracitadas expectativas acerca de uma pesquisa debruçada sobre a temática do gênero à luz das reflexões proporcionadas pela historiografia e pela História, nasce o capítulo a seguir, ao colocar as mulheres professoras que, assim como Lucrécia, tiveram suas trajetórias atravessadas pela violência de gênero, na condição de tecelãs, a partir da metáfora do carretel de linha, que, na verdade, é o novelo em que estão enroladas suas memórias. A ideia, a partir de então, é transformá-las, efetivamente, em tecido por meio de uma (re)invenção do passado (Albuquerque, 2007).

Para Simone de Beauvoir (2019), a mulher é tanto produto dos construtos sociais, quanto construtora da sociedade. Diante dessa afirmação, e das ausências interpretativas de tais significados por meio dos processos de submissão historicamente a nós, mulheres, impostos, coloca-se como extrema necessidade a reivindicação à subversão do caráter de subalternidade conferido ao nosso grupo por meio da hegemonia androcentrada da Historiografia e da História. Pois, as estruturas sociais exercem forças de poder (Bourdieu, 2019) na tentativa de administrar a potência de nossas subjetividades, mas elas não nos definem, nem definirão.

Observe ainda que o título deste capítulo trata conceitualmente da memória, mas “surpreendentemente”, em seu primeiro parágrafo, não há menção direta a ela, porque aqui, não é a memória o instrumento de silenciamento ou de tentativa de dominação masculina, mas sim o que os homens cis-hétero fizeram da historiografia e da história, de modo que, a memória – de base docente e feminina, para nós, nesse capítulo e no lastro central de

toda a pesquisa, significa a grande possibilidade de revolução ao que entendemos por preciosismo positivo-machista historiográfico, como Scott (1991) nos embasará a seguir.

Para Scott (1991) existe uma discrepância entre a alta qualidade dos trabalhos recentes sobre a História das Mulheres e a sua condição acadêmica de marginalidade – o que demonstra, claramente os limites postos pelas abordagens descritivas que não questionam os conceitos disciplinares dominantes e que não os problematizam de modo a abalar seu poder.

Isso exige uma análise não apenas da relação entre a experiência masculina e a experiência feminina no passado, mas também da conexão entre a história passada e a prática histórica presentes. Como o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas a essas questões dependem de uma discussão do gênero como categoria analítica. (Scott, 1991, p. 74)

Reivindicar uma “história das mulheres”, portanto, é executar a proclamação da exigência do reconhecimento delas como sujeitos históricos, uma vez que a história seria um discurso com dificuldade de perceber que, às vezes, a luz, em vez de revelar as coisas, oculta-as, de acordo com a teoria historiográfica de Le Goff (2012).

A história é um discurso que opera com a identidade, com o que já tem nome, com o conhecido, já nasce ligada às grandes máquinas de territorialização e sedentarização dos homens e de todas as coisas que são o Estado e a escrita. E a história das mulheres foi ignorada pelos homens (Beauvoir, 2019). Nesse sentido, de maneira possivelmente dialógica à proposição demonstrada nas primeiras linhas deste capítulo, Albuquerque (2007) argumenta o seguinte:

A história seria esta narrativa do fazer-se homem, de nosso processo de civilização e, portanto, de nossa saída da barbárie, de nosso domínio progressivo sobre as forças sem domínio que habitam nosso corpo. A história seria uma narrativa solar que desconfia das sombras, que busca esclarecer e aclarar, que busca tornar visíveis os seres que ontem não passavam de sombras na caverna (Albuquerque, 2007, p. 47).

Joan Scott (1991) complementaria ainda tal reflexão, dimensionando que para além de construir a narrativa do fazer-se homem, a história é capaz e necessária enquanto prática, de construir a narrativa do fazer-se mulher. Para além disso, essa mesma história é capaz de construir o leque de papéis sociais e simbolismos sexuais constituídos nas diferentes temporalidades.

Não há evento histórico que não seja produto de dadas relações sociais, de tensões, conflitos e alianças em torno do exercício do poder, de dada forma de organização da sociedade, produto de práticas e atitudes humanas, individuais e coletivas. [...] Todo evento histórico é cultural e simbólico (Albuquerque, 2007, p. 27).

Nesse sentido, desde os anos 1980 que se luta em busca de uma legitimidade acadêmica para os estudos feministas. Mais de 40 anos depois, lamentavelmente, a

realidade não se coloca de modo diferente. A academia historicista promove uma recusa negacionista do gênero enquanto uma área de conhecimento, e a tal negativa, nós atribuímos, inclusive, a condição de prática perpetuadora da dominação masculina, do machismo e da misoginia preponderantes em séculos e séculos de escrita da História. Em milênios e mais milênios de recusa ao valor, por exemplo, das tecelãs da memória, que mais à frente vos serão apresentadas.

Deste modo, se

A História possui objetos e sujeitos porque os fabrica, inventa-os, assim como o rio inventa o seu curso e suas margens ao passar. Mas estes objetos e sujeitos também inventam a história, da mesma forma que as margens constituem parte inseparável do rio, que o inventam. (Albuquerque, 2007, p. 29)

Podemos voltar ao início deste capítulo quando passamos a entender a mulher não apenas relegada à condição de produzida socialmente, bem como de produtora da realidade social. Aqui, o processo de produção dessa realidade se dá por meio da tecelagem, que como linha de carretel para sua tecitura tem as memórias. A reivindicação pois, do reconhecimento feminino das mulheres como sujeitos da história se dá pela apropriação da roda de fiar como meio de produção do justicamento ao nosso passado, que, agora, passa a ser também, requerido pelas problemáticas do presente.

Para a História cultural, portanto, a invenção do acontecimento histórico, de qualquer objeto ou sujeito da história, se dá no presente, mesmo quando analisa as várias camadas de discurso do historiador na construção da realidade que narra para o centro da reflexão. (Albuquerque, 2007, p. 26)

O que está faltando é uma forma de conceber a “realidade social” em termos de gênero (Scott, 1991, p. 83). O termo “gênero” faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens (Scott, 1991, p. 85). E as feministas não somente começaram a encontrar uma voz teórica própria; elas também encontraram aliados/as acadêmicos/as e políticos/as. É dentro desse espaço que nós devemos articular o gênero como uma categoria analítica (Scott, 1991, p. 85) da Historiografia e da História por meio de uma tecelagem feminina da Memória. A exploração dessas questões fará emergir uma história que oferecerá novas perspectivas sobre velhas questões. (Scott, 1991, p. 93).

2 | UMA CAÇA ÀS OBRAS: A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE A ATUAÇÃO E PROTAGONISMO DAS PROFESSORAS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Foram selecionados dois repositórios para realizar o mapeamento conceitual e científico acerca das produções acadêmicas relativas ao tema escolhido para este capítulo, a saber: a atuação e o protagonismo de professoras no campo da educação profissional,

seus atravessamentos, potencialidades e dificuldades.

O primeiro deles foi o Portal Memória do IFRN, uma vez que é este o campo empírico delimitado para esta análise, e, diante disso julgou-se como importante e necessário entender a dinâmica das produções dentro do próprio instituto relativamente ao tema.

O segundo, foi a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), pelo fato desse tipo de produção (Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado) ter significativa valia para a pesquisa em foco.

Todas as produções encontradas passaram pela leitura dos resumos e das palavras-chave, e, após constatação de qualquer abordagem relacionada aos descritores da pesquisa, foi realizada a leitura completa da publicação para verificação de seu potencial de contribuição ao trabalho a ser realizado. Conforme demonstram os quadros 1 e 2 a seguir:

“Trabalho docente feminino” AND “Educação Profissional”	“Trabalho docente feminino” “Educação Profissional”	Trabalho docente feminino AND Educação Profissional	Trabalho docente feminino Educação Profissional
0 resultados	56 resultados	35 resultados	108 resultados
Selecionados: 0	Selecionados: 4	Selecionados: 1	Selecionados: 4
Úteis à pesquisa: 0	Úteis à pesquisa: 2	Úteis à pesquisa: 1	Úteis à pesquisa: 2

TRABALHOS PROSPECTADOS PARA POSSIVELMENTE EMBASAR A PESQUISA: 2

Quadro 1 - Resultados da pesquisa de fontes no Portal Memória do IFRN.

Fonte: Elaboração própria em 2020.

“Trabalho docente feminino” AND “Educação Profissional”	“Trabalho docente” “Educação Profissional”	Trabalho docente AND Educação Profissional	Trabalho docente feminino educação profissional
0 resultados	0 resultados	121 resultados	121 resultados
Selecionados: 0	Selecionados: 0	Selecionados: 8	Selecionados: 8
Úteis à pesquisa: 0	Úteis à pesquisa: 0	Úteis à pesquisa: 4	Úteis à pesquisa: 4

TOTAL DE TRABALHOS PROSPECTADOS PARA EMBASAR A PESQUISA: 4

Quadro 2 - Pesquisa de fontes na BDTD.

Fonte: Elaboração própria em 2020.

A pesquisa realizada no Portal Memória do IFRN, quando desenvolvida em especificidade (por meio do uso de aspas + booleano) não apresentou resultados. A partir do uso de aspas, foram coletados 56 trabalhos e após a leitura de seus resumos e palavras-chave, associada à análise de sumário, 4 foram selecionados, dos quais somente dois apresentaram-se como possivelmente úteis como referência para a pesquisa em questão.

Quando aplicado somente o booleano AND, 35 foram os resultados, dos quais, após realizado o mesmo processo descrito anteriormente, somente 1 se mostrou útil à pesquisa. Esses trabalhos estão em intersecção à pesquisa mais abrangente (sem uso de nenhum

elemento de especificidade). A compilação destes, poderá ser observada no Quadro 03, mais à frente.

Por meio da realização da pesquisa dos descritores “Trabalho docente feminino” e “Educação profissional” nos repositórios Memoria/IFRN e BDTB, foi possível constatar a inexistência de trabalhos abordando a temática aqui proposta de maneira detida e direta. No entanto, foram prospectadas produções com significativo potencial contribuinte, como demonstrado pelo quadro 3, a seguir, e como se analisará posteriormente à apresentação dele.

Título e Tipo	Ano de defesa	Lócus e Repositório	Área/Origem/ Tipo	Autor(a)
O Programa Nacional Mulheres Mil no contexto das políticas públicas de Educação Profissional no Brasil (Dissertação)	2017	IFRN – Memoria/IFRN	Educação / PPGE/IFRN / Dissertação	Rocha (2017)
Trajétórias acadêmica e profissional de professores licenciados do campus Parnamirim (IFRN): saberes e práticas docentes no Ensino Médio Integrado	2016	IFRN (Campus Parnamirim) – Memoria IFRN	Educação PPGE/IFRN / Dissertação	Rodrigues (2016)
Um ato de poder: Narrativas das Mulheres da Química sobre suas experiências	2017	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - BDTD	Educação / Núcleo de Estudos sobre Currículo e Saberes (NEC) da UFRGS / Tese	Nunes (2017)
Trabalho de Professora na Rede Estadual da cidade de Catalão/ GO: docência, gênero e classe	2018	Universidade Federal de Goiás (UFG) – BDTD	Educação / Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da UFG / Dissertação	Lima (2018)
Emoção que fecunda e potencializa a razão: gênero nas pesquisas educacionais	2008	Universidade de São Paulo (USP) – BDTD	Educação / Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da USP / Dissertação	Neves (2008)
Educação, Tecnologias e Gênero: uma reflexão sobre o androcentrismo na tecnologia	2016	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - BDTD	Educação / Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo (PPGE) da PUC-SP / Dissertação	Silva (2016)

Quadro 3 - Relação das fontes selecionadas.

Fonte: Elaboração própria em 2020.

Finalmente, o que revela a produção do conhecimento sobre a atuação e o protagonismo de professoras no campo da Educação Profissional? A partir da pesquisa realizada, fica evidente a incipiente produção acadêmica sobre o tema no campo da Educação Profissional e a contribuição epistêmica das pesquisas realizadas.

3 | BREVE INTERLOCUÇÃO COM OS REFERENCIAIS SOBRE TRABALHO DOCENTE FEMININO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Rocha (2017), em sua dissertação de mestrado, orientada pela Professora Dra. Lenina Lopes Soares Silva, discute sobre o Programa Mulheres Mil no contexto das Políticas Públicas educacionais brasileiras no âmbito da profissionalização. A autora promove uma análise do Programa, demonstrando avanços e obstáculos no que tange ao acesso a direitos e colocando a educação como dimensionadora da construção cidadã. Apesar do desenvolvimento desta pesquisa ser centrado em entrevistas realizadas com mulheres (alunas) egressas do projeto, compreende-se como uma possível fonte por trazer um referencial teórico baseado na relação “trabalho-educação”, uma vez que lança luz sobre um importante programa desenvolvido para mulheres e por trazer em suas palavras-chave a centralidade para a Educação Profissional, para as mulheres e para a cidadania.

Rodrigues (2016) tem como foco em sua pesquisa a trajetória acadêmica e profissional de professores licenciados, adotando-se o campus de Parnamirim do IFRN como empiria. Nesse sentido, o trabalho apresenta perspectivas e desafios no desenvolvimento de práticas pedagógicas. Desse modo, avalia-se que apesar de existir uma possibilidade de contribuição para esta pesquisa, pelo fato de a dissertação visibilizar o fazer docente, para o recorte que se propõe (Docência feminina), seria uma contribuição de cunho superficial. No entanto, um dos principais fatores para que ela fosse considerada, foi o fato de trazer em suas palavras-chave a Formação Docente, a Educação Profissional e as Práticas Pedagógicas.

Nunes (2017), em sua tese de doutorado, direciona sua escrita para questões relativas às definições de masculinidade e feminilidade, volta-se aos questionamentos sobre como o gênero demarca papéis na sociedade e envolve ou direciona as possibilidades de existência. Questiona ainda quais lugares podem e devem ser alcançados pelas mulheres, e, para tanto, se debruça sobre a realidade das mulheres na química, nos âmbitos da docência e da pesquisa. Nesse sentido, apesar de estar voltado para uma área tão específica do fazer docente, este trabalho é entendido como de enorme potencial referencial para esta pesquisa. Além das pontuações supracitadas, seu trabalho apresenta ainda, as percepções relativamente à construção de uma resistência frente ao estabelecimento dos papéis de gênero, bem como, compreende a ocupação de espaços educacionais por mulheres (no caso da pesquisa, na área da química), como ferramentas de reivindicação de poder.

Lima (2018), em sua dissertação, envolve conceitos como docência, gênero e classe e avalia a prática docente feminina em diferentes prismas da educação. Destaca a maneira como essas professoras engendram a consciência histórica sobre o magistério, relaciona o fazer docente ao gênero dos sujeitos e propõe a reflexão sobre a desvalorização da carreira docente e as relações de classe. Em linhas gerais, a pesquisa se debruça sobre uma observação de feminização do magistério e as questões sociais, econômicas e

políticas que o interferem. Apesar de estar enquadrado no ramo da educação estadual, pode abarcar diversos elementos referenciais de subsídio para a pesquisa em questão, por trazer, inclusive feminização, docência, gênero e classe como elementos-chave do desenvolvimento do trabalho.

Neves (2008), em sua dissertação de mestrado propõe lançar-se sobre o incômodo relativo a uma transposição de estereótipos sobre as mulheres e sobre o gênero no campo do trabalho, da cidadania e das políticas públicas direcionadas à educação. Deste modo, apresenta os calcanhares de Aquiles na forma como as pesquisas se debruçam sobre a categoria gênero na educação como uma lacuna que precisa ser sanada. Para tanto, captou teses de doutorado sobre o tema para produzir um conhecimento educacional acerca da categoria que fizesse jus às especificidades da complexidade da realidade brasileira. Além disso, tematiza o trabalho feminino nessa área e aguça o olhar para a confusão existente entre o trabalho no mundo “externo” e no ambiente doméstico. De modo que se coloca como uma referência de grande potencial para esta pesquisa. Entre suas elementos-chave constam: educação, relações de gênero, usos de gênero e confluências entre gênero e educação.

Por fim, Silva (2016) insere sua pesquisa no ramo das novas tecnologias de educação, focaliza as mulheres e as questões relativas ao mercado de trabalho. Nesse ínterim, problematiza a baixa ocupação das mulheres em espaços de trabalhos relativos às tecnologias, não totalizando 20% das vagas ocupadas. Partindo disso, a dissertação investiga as causas desse processo, as interferências do estabelecimento dos papéis de gênero nessa realidade e investiga como se constroem as barreiras e hierarquias diante de tal cenário. Aborda ainda, conceitos como: poder, sexismo e misoginia e reflete sobre essas questões no currículo da educação básica. O que chama atenção para esta pesquisa é que o referido trabalho trata ainda sobre o conceito de “androcentrismo”.

A partir da análise dos resultados obtidos na revisão bibliográfica tomada como base para elaboração desta dissertação, algumas constatações puderam ser feitas. Dentre as quais: trabalhos envolvendo gênero e educação, no espaço amostral verificado, são escassos ou praticamente inexistentes.

Isso fica claro a partir da verificação de dois importantes repositórios – sendo um deles de projeção nacional - terem sido obtidos somente seis resultados realmente úteis e consistentes e com potencial referencial para a realização da pesquisa em foco. Destes, apenas um categoriza-se como tese de doutorado e na mesma proporção, somente um é de autoria masculina. Ou seja, no espaço amostral em questão, dentre os trabalhos prospectados, aproximadamente 84% foi de realização feminina.

Essas constatações permitem estabelecer um problemático horizonte: ainda existe um enorme androcentrismo no que tange às pesquisas em educação. Que, quando realizadas, são desenvolvidas majoritariamente por mulheres, as principais interessadas, uma vez que é seu o fazer atravessado por décadas de silenciamento.

Por isso, se pensar uma ciência histórica feita por mulheres para mulheres, de uma tecelã para outras. Pois, se estas não tomarem o volante das revoluções intelectuais para seu crescimento e sobrevivência em sociedade, estas não se realizarão, principalmente quando se interpõe a nuvem política do momento atual. O que reafirma a necessidade de organizá-las. Hoje, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do estado do Rio Grande do Norte, há professoras premiadas, exercendo cargos de gestão e encabeçando importantes e significativos projetos, dentre outros grandiosos feitos.

Investigar a forma como elas realizam seus trabalhos se coloca como atitude essencial para a compreensão do Tempo Presente, das permanências e rupturas, mas cabe também questionar: quando essas professoras olham para trás, o que encontram para referenciar e solidificar os seus caminhos? Que memórias foram reconstruídas e lhas foram disponibilizadas pela voz da História? São elas esperançosas de que as suas trajetórias sejam um dia narradas? Elas sabem se as que as precederam foram tristes ou felizes na profissão que exerceram? Conseguem ter alguma dimensão sobre o sentimento institucional relativo aos espaços anteriormente ocupados por uma ancestral ou sobre as memórias afetivas que ali ela viveu?

Na tentativa de responder a esses e tantos outros questionamentos sobre gênero, poder e Educação Profissional, se alicerça esta pesquisa. Pois nesse cenário, entender as relações de poder como determinantes dos lugares ocupados pelos sujeitos dentro de uma intersecção de gênero, como já mencionado, (Foucault, 1976) faz-se urgente e necessário para uma construção justa e verossímil da História da Educação Profissional.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de Teoria da História. 1 ed. Bauru, SP: Edusc, 2007.

Atlas da violência. 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36488&Itemid=432>. Acesso em 15 de março de 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: Vol. 2: a experiência vivida. Tradução: Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BORDIEU, Pierre de. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 15. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BREU, Jörg. **O suicídio de Lucrecia**. Pintura, óleo sobre tela, 103 x 148 cm.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GOMES, Paulo. **Brasil registra mais de 180 estupros por dia; número é o maior desde 2009.**

Folha de São Paulo. São Paulo, 10 de setembro de 2019. Disponível em: < Brasil registra mais de 180 estupros por dia; número é o maior desde 2009 - 10/09/2019 - Cotidiano - Folha (uol.com.br) > acesso em: 15 de março de 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

<https://exame.com/brasil/pelo-12o-ano-consecutivo-brasil-e-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo/> > acesso em 20 set. 23.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Traduzido por Bernardo Leitão... [et al.]. - 7ª ed. Revista – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

LIMA, A. **Trabalho de Professora na Rede Estadual de Catalão/GO: docência, gênero e classe.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, 2017.

LÍVIO, Tito. **História de Roma.** Traduzido por Paulo Matos Peixoto. 1 ed. São Paulo: Editora Paumape, 1989.

NEVES, Samantha. **Emoção que fecunda e potencializa a razão: gênero nas pesquisas educacionais.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), 2008.

NUNES, P. **Um ato de poder : Narrativas das Mulheres da Química sobre suas experiências.** 2017. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

ROCHA, Ananda Figueiredo. **EDUCAÇÃO PROFISSIONAL BRASILEIRA E PARTICIPAÇÃO FEMININA: uma análise histórica.** Revista Criar Educação.

ROCHA, Rita de Cássia. **O Programa Nacional Mulheres Mil no contexto das políticas Públicas de Educação Profissional no Brasil.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2017.

RODRIGUES, Iaponira da Silva. **Trajetórias Acadêmica e Profissional de Professores Licenciados do Campus Parnamirim (IFRN): Saberes e Práticas Docentes no Ensino Médio Integrado.** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência.** São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** In Educação & Realidade. Porto Alegre, nº16, julho / dezembro, 1991.

SILVA, J. **Educação, Tecnologia e Gênero: uma reflexão sobre o androcentrismo na tecnologia.** Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo). PUC-SP, 2016.

TICIANO. **O estupro de Lucrecia.** Pintura, óleo sobre tela, 1521.